

## CONCEITO DE LINGUA EM MANUEL MURGUIA E PRAXE IDIOMATICA EM ROSALIA DE CASTRO

PEDRO FERNANDEZ BELHO

Ourense

Desde Galiza, simplificando muito, tenham-se feito duas leituras da obra rosaliana: umha, em clave costumista; e outra, que reivindica para a autora a "assunção de umha visom dialéctica da história, a condena da sociedade liberal-burguesa e o anseio de umha nova realidade, embora se enuncie com umhas características idealistas ou utópicas" (1), tal como salienta Francisco Rodríguez, quem visa em *Cantares Gallegos* a "epopeia das classes trabalhadoras do país" (2).

E certo que Rosalia fai-se portavoz dos temas das gentes exploradas: a pobreza, o desemprego, a emigração. E certo que num contexto de cultura colonizada, a defesa da tradição, da língua, dos costumes face a umha cultura mais forte que ameaçava engolir a própria nom pode ser interpretada como conservadurismo ideológico. Mesmo é verdade que as ideias dos socialistas utópicos desde o católico Lamennais até Saint Simón, Fourier ou Cabet circulavam sobretudo por Cádiz, Madrid ou Barcelona.

Mas para D.L. Shaw "la principal poetisa del siglo XIX hispánico refleja decisivamente el desasosiego espiritual que afectaba ya a la minoría intelectual de España, y de todas partes de Europa, contexto específico de la visión trágica de la vida que manifiesta Rosalía" (3). E a visom do mundo de Poe, Gautier, Baudelaire e dos líricos germánicos a que aclara mais facilmente os recorrentes motivos rosalianos.

Hoje, nom obstante, o meu propósito, consoante o título da comunicação, será tentar explicar por qué "Rosalía nom é, em palavras de Carvalho Calero, a criadora do conceito do galego-língua de cultural; nom é a autora do renascimento da língua galega" (4).

Por ser *Cantares Gallegos* o primeiro livro verdadeiramente magistral do Ressurgimento galego, parece obrigado olhá-lo como o arquetipo da ortodoxia da literatura galega de inspiração tradicional. Mas polo que toca à língua, este poemário supom,

---

(1) Rodríguez, Francisco, "Rosalía: a realidade do mito" en António Souto, A. et al., *Rosalía de Castro. Unha obra non asumida*, ed. Xistral, Corunha, 1985, p. 139.

(2) *Ibid.*, p. 145.

(3) Shaw, D.L., "El siglo XIX" en Deyermond, A.D. et al., *Historia de la literatura española*, 6 vols., ed. Ariel, 3ª ed., Barcelona, 1976, V. p. 163.

(4) Carvalho Calero, R., "Núcleos significativos do legado de Rosalía" en António Souto, A. et al., *op. cit.*, p. 16.

como afirma o professor Calero, um retrocesso a respeito de *A Gaita Gallega* de J.M. Pintos, por exemplo, (obra conhecida pola autora), se o progresso implica riqueza e depuração idiomáticas (5). Para Calvalho Calero isto é “surpreendente, pois, segundo el, Murguía tinha umha ideia clara dos problemas do galego literário e, se hemos de cre-lo, Rosalia tamém” (6).

Esta é a afirmação que na minha opinião é discutível e por isso tentarei eliminar a surpresa desenvolvendo, em primeiro termo, as linhas definitórias do discurso galeguista murguiano que permitam estabelecer os perfis e a funcionalidade do seu conceito de língua (nada original, pois nom é filólogo, como assevera umha e outra vez) para que afinal poida ficar mais compreensível a praxe idiomática da sua dona, quem confessa compor *Cantares* “sin gramática nin reglas de ningunha cras, onde o lector topará moitas veces faltas de ortografía, xiros que disoarán ós oídos dun purista” (7).

Murguía reivindica para si próprio o rol de historiador-poeta dos tempos sem poesia (8), dos tempos em que a história tem missons providenciais que cumprir (9), dos tempos em que Galiza busca na história a legitimidade das suas arelas regionalistas (10) num contexto europeu que caminha depressa cara modelos uniformistas e imperialistas “que som a praga da humanidade” (11).

O dever de Galiza, na perspectiva de Murguía, constitui umha história coutada, pois que é a narração de umha frustração, ao próprio tempo que a de umha resistência que quer aguardar a escrever o seu grande capítulo no concerto dos povos. Essa narração, no entanto, estrutura-se quase epicamente ao redor das tres provas com que Greimas caracteriza ao herói da etnoliteratura: as etapas celta, sueva e medieval seriam, de esta óptica, respectivamente as provas definitiva, provatória e glorificadora ou consagradora da nacionalidade galega. Esta última fase fecha-se com umha caída que aguarda a regeneração definitiva (12). Mas esta regeneração é difícil por mor do absentismo das inteligências e das classes ricas (13). De outra banda o poder central desconhece-a e governa-a como a colónia (14).

Em resumo, o seu historiar é umha obra de arte e constitui umha clara media-

(5) Carvalho Calero, R., *Particularidades morfológicas del lenguaje de Rosalía de Castro*, Universidad de Santiago de Compostela, 1972, p. 9.

(6) Carvalho Calero, R., *op. cit.*, p. 11.

(7) Rosalia de Castro, *Poesias*, ed. do Patronato Rosalia de Castro, Vigo, 1973, p. 18.

(8) Murguía, M., “Discurso preliminar” en Murguía, M.-Vicetto, B., *Historia de Galicia* 14 vols., ed. La gran enciclopedia vasca, Bilbao, 1980, III, p. 209.

(9) *Ibid.*, p. 18.

(10) *Ibid.*, p. 20.

(11) Murguía, M., *El regionalismo gallego*, ed. Imprenta la Universal, Habana, 1889, p. 28 e *Historia...* III, p. 342.

(12) Fernández Belho, P.-Domínguez Castro, L., *Análise semiótica comparada da ideologia nacionalista: Prat de la Riba e Murguía*, em *Estudios de Historia Social*, núms. 28-29, ano 1984, ed. Instituto de Estudios Laborales y de la Seguridad Social, Madrid, pp. 181-195.

(13) Murguía, M., *El regionalismo...*, p. 49.

(14) *Ibid.*, p. 48.

com político-ideológica pois que o objectivo fulcral é a construçom de um arsenal simbólico para explicitar a demonstraçom de Galiza como nacionalidade.

O mito celta, como tem provado Ramón Maiz, será a avalanca que lhe permite alicerçar a singularidade deste herói colectivo e suster a beligerância face aos inimigos da pátria. Mas engaiolado decerto por este grande achado, as contradicçons socio-políticas interiores ficarom sempre num segundo plano. Eis a primeira limitaçom do discurso murguiano. Pois se do historicismo romántico retivo a sensibilidade para reconstruir as grandes linhas de continuidade da cultura galega, do romantismo herdou tamém umha inclinaçom ao misticismo, à mitificaçom das forças históricas, a conceber estas como epifanias de principios independentes (15).

Murguia oscila, no sentir de Beramendi, entre um conceito organicista da história e umha posiçom liberal voluntarista. Nom gosta dos restos feudais, arela umha certa industrializaçom e umha grande cidade como suporte e hábitat ajeitado de umha burguesia nacional (inexistente, de por parte, polo que o seu discurso ficaria no ar, sem destinatários reais). Mas todo isto está misturado com um desejo de voltar às origens puras e mesmo à parroquia como germe organizativo primordial. Em *Los Precursores* declara:

Hay algo más en el mundo que esas cosas en que se gana el dinero y sobre las cuales una clase media hambrienta se arroja sin piedad para formar su peculio o aumentar el ya formado. Nuestros padres no vivían menos felices que nosotros porque desconociesen las maravillas de la industria moderna, y nuestras madres no estaban menos hermosas vistiendo la cofia hilada por sus manos. Lo que importaba entonces y hoy, y gracias al cielo importará siempre, es que las almas perseveren puras, que no se cierren al entusiasmo y a la piedad, (...) que los felices no vivan ni lejos ni ajenos de los pobres y desheredados. Lo que importa es el sentimiento moral, (...) el arte, (...) la justicia, (...) la libertad, (...) Dios (16).

Este espiritualismo, saudoso de umha harmónica sociedade rural, ao tempo que umha mitificaçom do povo como criador de arte aparece tamém em Rosalia. Lemos em *Follas novas*:

Foran chegando, chegando [os pobres] / mais de nove ulindo a festa / i a ningún botou da porta / a rica da montañesa (...) / Os probes que alí viñeron / i atoparon lume e mesa, / contan contos que dan risa, / así ás mozas como ás velhas, / uns en verso, outros en prosa, / pois falan en todas lénguas, / i apostan entre eles todos / a quén fai copras máis feitas (17).

Concluiríamos dizendo que no discurso épico-histórico de Murguia o individual, o historiável (como diria dom Américo Castro) interessa só na sua dimensom exemplar, arquetípica. A única "verdade" som as instituicçons, os costumes, a paisagem, o povo. De por parte, Rosalia, a diferença de dom Manuel, mostraria umha e outra vez o seu

(15) Hauser, A., *Historia social de la literatura y el arte*, ed. Guadarrama, col. Punto Omega, 3 vols., Madrid, 1971, II, pp. 353 e 355.

(16) Murguia, M., *Los Precursores*, ed. La Voz de Galicia, Corunha, 1886, p. 150.

(17) Rosalia de Castro, *op. cit.*, p. 225.

desdém polos grandes factos históricos, ficando ancorada só na intrahistória. Mesmo quando denuncia a migração e o trato que recebem os que iam ceifar a Castela nom reage tirando umha explicación sócio-política ou ideolóxica senom arelando a terra mai:

De polvo e sudor cubertos / ca fouce ó lombo, corrían / por aqués campos desertos / un fato de segadores... / ¡I eran eles, eras eles / os meigos dos cantadores! (...) / Pechéi os ollos e vin...: / vin fontes, prados e veigas / tendidos ó pe de min. (...) / E non paréi de chorar / nunca, hastra que de Castela / houbéronme de levar (18).

Dom Ramón Otero Pedraio, no libro intitulado *Rosalía*, inédito até este ano e publicado por Galaxia, imagina este diálogo da autora com Murguía: “Eu non podo axudarte. Quéimanseme os ollos nas letras antigas. Várreme o sentido o pasado, como se subira a torre da Catedral. (...) ¡Se a cidade fora espello da campía (...) e Galiza gobernada polo espírito dunha fidalguía de corazón” (19). E dom Ramón visa así o sentido último de *Cantares gallegos*: “Cando saíron os *Cantares*, Galiza (...) á beira da inmortalidade desenrolou a máis fermosa e requintada muiñeira da súa historia” (20). De aquí à interpretación e manipulación folclorísticas nom hai máis que um passo.

Mas voltando a conclusom sobre os parámetros decisivos da cosmovisom murguiana sublinharíamos que o conflito entre umha concepción arcaica que chamaríamos arquetípica e outra histórica ou dialéctica resolve-se em prol da primeira.

Cumpre nom esquecer, de todos os jeitos, que Mircea Eliade justifica esta concepción tradicional como normal mecanismo de defensa das sociedades agrícolas e subdesenvolvidas europeas face às agressions do exterior (21).

Desenhado o idiosistema de Murguía, passamos agora a analizar as linhas mais salientáveis da sua conceptualización da língua. Diremos, antes de mais, que esta, como factor nacionalitáριο (selo e carimbo da nacionalidade) desempenha umha función importante bem que instrumental: “Los trovadores, con sus obras, consagran una lengua, una, poesía, una patria. (...) La lengua y la poesía creada demostraba claramente la virilidad de la nación cuya virtualidad afirmaba” (22).

Se para o romántico Herder “a língua de um povo é o seu espírito, e o seu espírito é a sua língua” (23), Murguía nom ultrapassa esta visom idealista e mesmo folclorística:

El idioma gallego, un tanto castellanizado en el dialecto berciano, n i se p e r d i ó n i se c o r r o m p i ó (...) Sin embargo, por no haber sido fijado en modelos literarios, (...) dio lugar a una porción de dialectos, enriqueciendo, por

(18) *Ibid.*, p. 231.

(19) Otero Pedraio, R., *Rosalía*, ed. Galaxia, Vigo, 1985, pp. 133, 135.

(20) *Ibid.*, p. 141.

(21) Mircea Eliade, *El mito del eterno retorno*, Alianza Editorial, Madrid, 1972, p. 130.

(22) Murguía, M., *Discurso...*, p. 151.

(23) Citado por Robins, R.H., *Breve historia de la lingüística*, ed. Paraninfo, Madrid, 1974, p. 172.

lo mismo, el caudal de voces que es grande, distintivo de las lenguas usadas por los campesinos. (...) Por más que nuestra lengua no fuese usada por los escritores del país, fue hablada por multitud de personas letradas, que, ya por vivir en el campo, ya por ese natural y dulce apego a las cosas de la tierra, que siente toda persona bien nacida, no se desdeñaba de usarla, conservándole de esta manera en un estado de permanente juventud (24).

A língua, pois, devém nomeadamente umha epifania da raça, um espelho da alma colectiva, reivindicando só a sua função expressivo-integradora, dimensão que atinge um supremo grau de desenvolvimento na poesia. Mas esta forma de discurso, na perspectiva murguiana, ficará alheia a todo esforço de depuração:

Valen más con sus idiotismos y sus faltas gramaticales nuestros desdeñados cantos populares que la mejor de esas frías composiciones, a quienes no anima el más leve y fútil rayo de poesía. Partiendo del principio de que en cuestión de lenguaje el pueblo es siempre el verdadero maestro y el mejor modelo, (...) que los verdaderos poetas lo usen [o galego] a la una vez en sus composiciones (25).

Está Murguía a tirar as conclusións do seu concepto de língua ou a justificar a práxe lingüística da súa dona? Ambas as dúas cousas. De esta óptica non sorprende que o noso autor agoire para o galego “días de verdadeira desgracia, por más que no sea ni muy inminente ni muy cercana” (26), já que “el mundo moderno camina tan aprisa, lleva hasta tan lejos sus conquistas, que se reiría tal vez del que quisiese levantar el espíritu, la literatura y la lengua de una comarca” (27).

A súa ideoloxía diglósica chega até o punto de ironizar sobre “esas frías composiciones” (sem tantas imperfeccións gramaticais, debe entender-se) de autores que tentaban como obxectivo prioritario facer do galego “ante todo un instrumento cultural, unha forma sabia e xeral, que deixará aquela variedade, multiplicidade e incertitude que ten n'os labios do pobo” (28). Este postulado posterior de Xoán Vicente Viqueira tivo já na época dos precursores, como é sobejamente coñecido, o máximo expoente na conceptualización e práxe de Xoán Manuel Pintos. Para el a situación diglósica do galego reflectía nidiamente o conflito Centro-Periferia colonizada: “E non ten disculpa algunha / o desleixado podenco / que refuga o seu idioma / por falar en estranxeiro / (...) E verdá que hoxe non usan / o noso idioma gallego / para leis nin escrituras, / (...) mais isto ten outro rabo / que enrosca asoballemento (29).

Neste quadro de desorbitación de Galiza e do galego para o modelo central, decata-se o autor de que esta língua ágrafa, rústica e fossilizada aduro podía gerar umha norma culta e umha ortografía auténticas. Por isso pide que “todos matinen / de me-

(24) Murguía, M., *Historia...*, III, pp. 326-327.

(25) *Ibid.*, pp. 341-342.

(26) *Ibid.*, p. 335.

(27) *Ibid.*, p. 335.

(28) Vicente Viqueira, J., *Ensaos e poesías*, ed. Galaxia, Vigo, 1974, p. 145.

(29) Pintos, J.M., *A gaita gallega*, ed. La Voz de Galicia, Corunha, 1981, pp. 36-37.

llorar seu dialecto, / de decrualo, se é duro, / e máis doce ilo facendo, / de lle barrer o cangallo / e depuralo con tento, / combinarlle voces novas / e máis rico ilo facendo” (30), desafiando a “los que piensan que hablar romance es hablar como se habla en el vulgo; y no conocen que el bien hablar no es común, sino negocio de particular juicio” (31).

Rejeitando a libré ortográfica do castelhana Pintos defende e emprega para o galego umha grafia etimológica (32), como fixera o P. Sarmiento, e como continuará a fazer dom António de la Iglésia. Face a esta posiçom, Rosalia age lingüísticamente do mesmo jeito que um Lamas Carvajal, para quem o galego tem de ser o falar das fadas, esse “falar feitizador qu’espresando / tristuras, fai sentir ô curazón / non sei que morno acabamento brando, / nin que vaga emoción” (33). Noutros termos, em Lamas Carvajal achamos explícito o binómio ideologia diglössica-praxe idiomática e gráfica regressivas.

Voltando a Murguia, sublinharemos que el, bem que defensor honesto do idioma galego como língua nacional, nom o utilizará como veículo de criaçom, afora de contadas occasions em que oficiou em solenes liturgias nacionalistas. Empurrará à sua dona para que versifique na nossa língua. Ela será o poeta aguardado sensu strictu embora complementar: “De las prensas de *El Miño*, salieron, en 1863 los *Cantares Gallegos*, libro que se consideró entonces como un verdadero grito de guerra de estas provincias subyugadas” (34).

Para o nosso autor, *Cantares e Follas novas*, segundo lemos em *Los Precursores*, “completándose, dan realizada la obra de redención que se propuso la autora, por más que ya en los *Cantares* se halle resuelta” (35). Surpreende esta última afirmaçom, pois, na verdade, o galego empregado por Rosalia funciona quase como um registo rústico do castelhana, como conclui Carvalho Calero: “Se a composiçom da língua de Rosalia continuasse sendo a fórmula para a língua literária dos galegos em sucesivas geraçoms, sem que intervinhessem novos elementos (...) o galego ficaria reducido a sustrato residual” (36), estilo subsidiário, nom alternativa do castelhana. E foi já dom Juan Valera quem puxo esta questom sustendo que o discurso poético em galego (que nom em galego-português) era umha gíria inventada, sem mais futuro que aplicar-se aos assuntos vulgares, no caso de nom querer ligar os seus destinos aos da portuguesa (37). Estas afirmaçoms do crítico andaluz aguilhoarom a resposta de Murguia que patenteia a grande limitaçom com a que encarava o problema da normalizaçom idiomática, ao

(30) *Ibid.*, p. 36.

(31) *Ibid.*, p. 68.

(32) *Ibid.*, p. 24.

(33) Lamas Carvajal, V., *Saudades gallegas*, ed. facs. da Real Academia Gallega, Vigo, 1981, pp. 71-72.

(34) Murguia, M., *El regionalismo...*, p. 18.

(35) Murguia, M., *Los precursores*, p. 192.

(36) Carvalho Calero, R., *Letras galegas*, ed. AGAL, Corunha, 1984, p. 162.

(37) Murguia, M., “A D. Juan Valera” em Risco, V., *Manuel Murguia*, ed. Galaxia, Vigo, 1976, p. 186.

tempo que reflecte o carácter contraditório, voluntarista e utópico da sua conceptualização das relações com Portugal, tal como sublinhou acertadamente Ramón Villares num ensaio em *Grial* (38).

Com efeito, de umha banda sustém que o português nom é senom o galego literário (39) que som umha soa língua, mesmo na fonética e na morfosintaxe (40), registando só algumas diferenças de vocabulário (41); enxerga um futuro venturoso para o galego por ser a língua que falam e compreendem portugueses e brasileiros (42); mas, de outra banda, reivindica, face a Valera, a riqueza e a excelência da praxe idiomática da sua dona (43).

Cl.H. Poullain, analisando as versons galega e castelhana de alguns poemas rosalianos, tira a conclusom de que a autora nom escreve do mesmo jeito quando utiliza o castelhano —língua literária— que quando emprega o galego; nom ultrapassando, neste caso, o registo oral dos lavradores e marinheiros do seu país (44).

Mesmo X. Alonso Montero reconhecia umha praxe “dilingüe” em Rosalia, ao salientar que escreveu os seus romances em castelhano. Seria-lhe, ao próprio tempo, fácil de admitir que Rosalia age tamém diglössicamente ao compor *Cantares* ou *Follas novas* com que só tivesse em conta que a poesia é o único uso formal permitido aos idiomas B (45).

Como se vai evidenciando, tanto Murguia como Rosalia ficarom ancorados num conceito e numha praxe idiomáticas romántico-idealistas. Com efeito, o discurso lingüístico nom é nunca um “espelho” da realidade, ainda que seja decerto um “reflexo” de um estado de sociedade, certamente mediatizado e filtrado pola posiçom pessoal e de classe do enunciador no processo histórico.

Mas o decisivo é encarar a língua, como já fixera Benveniste em 1968 (46), como um tipo de produçom, umha prática social que os grupos ou classes levam a cabo para impor um determinado complexo axiológico, apropriando-se do aparelho de denotaçom que é comum a todos (47). O conflito lingüístico que noutrora e hoje sofremos os galegos é um simples conflito deslocado, o reflexo ou a racionalizaçom de umha luta pola “reorganizaçom de umha hegemonia cultural” como diria Gramsci (48).

(38) Villares Paz, R., “A relación da Galiza con Portugal na época contemporánea”, *Grial*, 81 (1983).

(39) Murguia, M., *Historia...*, III, p. 314.

(40) *Ibid.*, p. 329.

(41) Murguia, M., “A D. Juan Valera...”, p. 130.

(42) Murguia, M., “Discurso del presidente” em Risco, V., *op. cit.*, p. 130.

(43) Murguia, M., “A D. Juan Valera...”, p. 181.

(44) Poullain, Cl.H., *Rosalía de Castro y su obra*, Editora Nacional, Madrid, 1974, pp. 51-56.

(45) Citado por Ninyoles, R., *Cuatro idiomas para un estado*, ed. Cambio 16, Madrid, 1977, p. 223.

(46) Benveniste, E., *Problemas de lingüística general* II, Siglo XXI editores, 1977, p. 96.

(47) *Ibid.*, p. 104.

(48) Tortosa, J.M., *Política lingüística y lenguas minoritarias*, ed. Tecnos, Madrid, 1982, pp. 44, 50.

Num quadro diglössico, como é o nosso, a bandeira da normalizaçom é sempre temível, pois, em palavras de L.-J. Calvet “nom hai nem pode haver descolonizaçom económica e política sem que intervenha no desenvolvimento deste processo umha descolonizaçom lingüística” (49). A quem queira adiar um esforço simultâneo de normatizaçom (reintegracionistas, por suposto), lembramos-lhe as palavras de J.A. Primo de Rivera, quando se referia ao labor de Pompeu Fabra e o Institut d’Estudis Catalans: “El alma popular catalana, fuerte y sencilla, fue llenándose de veneno. Avidos intelectuales compusieron un idioma de laboratorio sin más norma fija que la de quitar toda semejanza con el castellano” (50). De jeito semelhante exprimia-se o jonsista S. Montero Díaz, aludindo ao catalao e ao galego:

El amor a los idiomas regionales no ha impedido a los separatistas gallegos y catalanes falsificar esos dos bellos idiomas hispánicos, elaborando dos jergas ininteligibles y grotescas, que nada tienen que ver con las clásicas obras del gallego y el catalán, ni con la viva realidad campesina, bilingüe siempre. Han entendido ese “amor” procurando borrar todo parecido con el español. Afrancesar el catalán y a p o r t u g u e s a r e l g a l l e g o han sido sus dos objetivos (51).

Alguém, se calhar, gostará mais de escutar a música de um nacionalista espanhol, liberal de pro, bem aprendida dos Unamunos, Ortegas ou Laíns. Este é o disco de J. Marías em 1972: “Ha disminuido la vigencia del catalán escrito (...), los esfuerzos de los gramáticos y lexicógrafos y de otros escritores, a lo largo del siglo XIX y en nuestro tiempo, para restablecer un catalán “puro” [é dizer, normalizado] han restado espontaneidad al cultivo de esta lengua” (52).

Já o decia Viqueira: “Eis dous têrmos que non se poden contrapôr: nacionalismo, socialismo. E máis: o segundo é probablemente un aspeito do primeiro” (53). E Murguia teimando ser liberal honesto na Periféria!

O sociólogo J.M. Tortosa visa umha dupla tendência no mundo actual: umha (que el metaforiza como aborrecido m u n d o f e l i z) cara a umha perpetuaçom das relaçons imperiais, fornecidas agora pola suave violência estrutural do controlo da informaçom, da imposiçom lingüística e da manipulaçom cultural (54). Esta dinâmica desembocaria fatalmente no ecodesastre ou na uniformizaçom totalitária (55). Mas assemade comprova o pulo de umha série de contra-processos centrífugos e um renovado fôlego dos nacionalismos em procura da própria identidade que pode correr

(49) Calvet, L.-J.. *Lingüística y colonialismo*, ed. Júcar, Madrid, 1981, p. 143.

(50) Primo de Rivera, J.A.: *Arriba*, nº 2, Madrid, 28-3-35; citado por Ninyoles, R., *op. cit.*, p. 54.

(51) Montero Díaz, S.: *JONS. Antología*, citado por Ninyoles, R., *op. cit.*, p. 54.

(52) Marías, J.. *Consideración de Cataluña*, Ayma ed., Barcelona, 1966, p. 64; citado por Ninyoles, R., *op. cit.*, p. 56.

(53) Viqueira, J.V.. *op. cit.*, p. 135.

(54) Tortosa, J.M.. *op. cit.*, pp. 68 e ss.

(55) *Ibid.*, p. 150.

o risco de um cantonalismo esfarelado e suicida (que o autor metaforiza como caótico modelo b a b e l (56).

Face a esta polarização religiosa e estéril opta resolutamente por um mundo definido por relações de multipolaridade, interdependência e diversificação.

Ultrapassar no campo idiomático esta contradição passa pela distinção entre as funções expressivo-integradoras da língua (selo e carimbo da nacionalidade, muro defensivo da alheação da personalidade colectiva, segundo expressões de Carvalho Calero) e a função comunicativo-instrumental.

Nós, claro está, assumimos que o galego é a língua própria de Galiza e não discutimos a tese do monolingüismo social (pois ninguém a discute) do sociolingüista J. Fishman: "O bilingüismo é essencialmente uma caracterização da versatilidade lingüística individual (...) O bilingüismo sem diglósia tende a ser transitório quer em termos de repertórios lingüísticos de comunidades lingüísticas quer em termos das variedades lingüísticas em si próprias" (57).

Ninguma rejeição, pois, do inglês, castelhano, catalão... como línguas instrumentais de relação com outras comunidades, mas sempre que afirmemos resolutamente as virtualidades não só expressivo-integradoras senão também comunicativas do galego reintegrado, como variante do galego-luso-brasileiro (em todo equivalente às do castelhano).

Basta já de vassalagens ortográficas ou de prejuízos robinsónicos e hiperenxebristas que constroem ao galego a constituir-se só sobre a deteriorada situação dialectal da língua falada, ceifando, deste jeito, as possibilidades do galego como língua normal de criação cultural e comunicação, como "idioma extenso e útil", na visão de Castela.

Mas não foi mester o aparato conceptual da sociolingüística actual para que João Vicente Viqueira julgasse deste modo a conduta idiomática de Rosalia de Castro:

De feito existem hoje duas maneiras de escrever o galego: unha que podemos chamar erudita, etimológica ou, millor, histórica, e outra popular (...): a v u l g a r, usada por Rosalía de Castro, Carvajal e hoje usualmente, e a académica ou etimológica, admitida sabiamente pol'a Academia Galega, empregada por Pondal e, en geral pol'os eruditos (...). Foi un mal da literatura galega aislarse mediante a sua ortografía. Escrita con ortografía portuguesa houbera corrido máis fácilmente o mundo e isto tería influido na vitalidade do noso idioma e do noso povo, pois ambos van íntimamente unidos (58).

(56) *Ibid.*, pp. 149 e ss.

(57) Fishman, J., *Sociología del lenguaje*, ed. Cátedra, Madrid, 1982, p. 132.

(58) Viqueira, J.V., *op. cit.*, pp. 174, 168, 175.